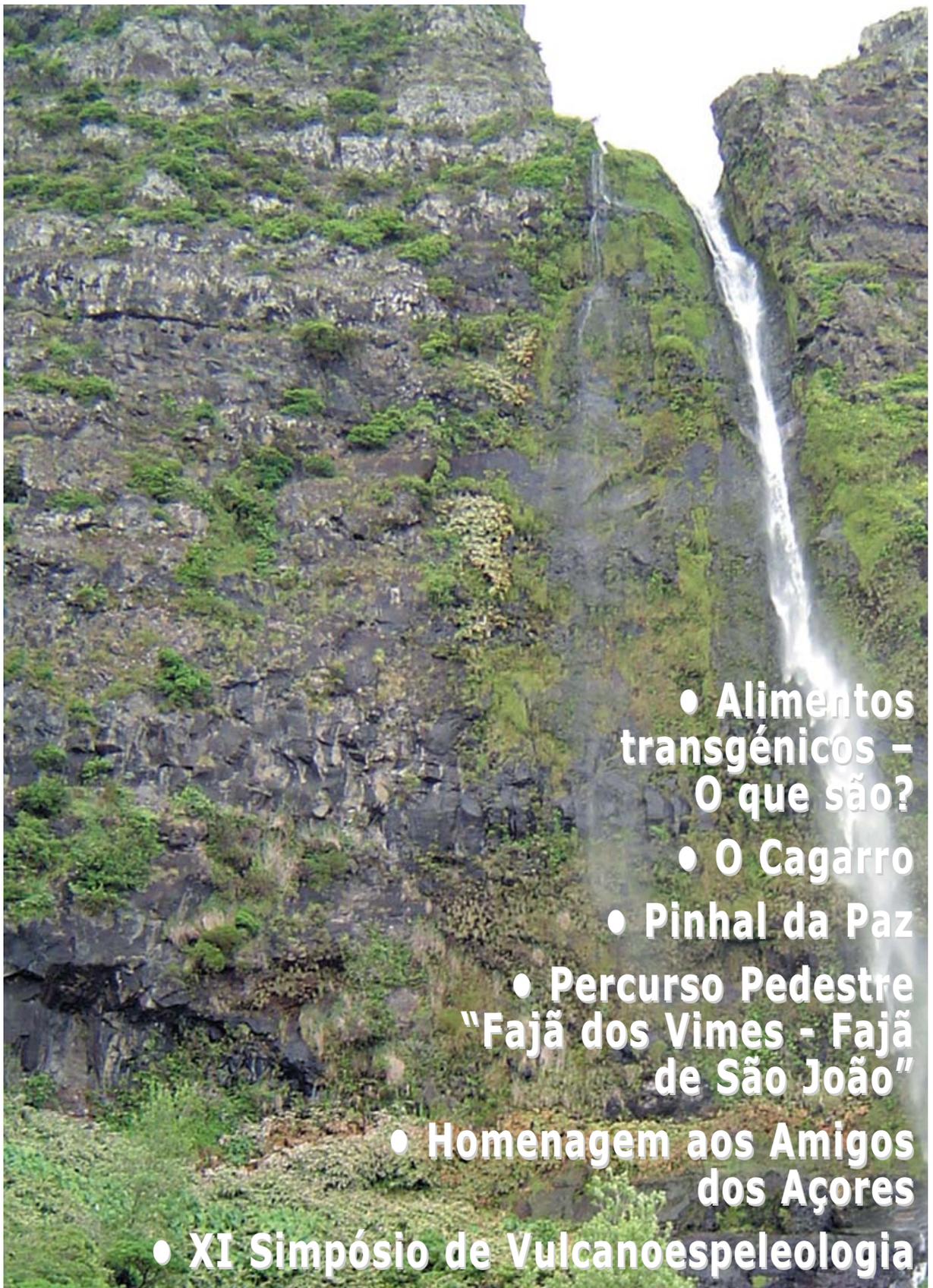


V i d á l i a

Boletim dos Amigos dos Açores – Associação Ecológica

nº 22

• 2004



- Alimentos transgénicos – O que são?
- O Cagarro
- Pinhal da Paz
- Percurso Pedestre “Fajã dos Vimes - Fajã de São João”
- Homenagem aos Amigos dos Açores
- XI Simpósio de Vulcanoespeleologia

Sumário

Editorial	3
Flora dos Açores Vidália - o fascínio de uma flor . . .	4
Alimentos Transgénicos – o que são?	5
O Cagarro	7
Positivo / Negativo Caldeira Velha	9
Atentado à Saúde Pública	9
Pinhal da Paz	10
Breves – Apoio à Escola Comemoração do Dia da Terra – Sessão na Escola B1/JI de Santo António	12
Ação de Sensibilização na Escola Básica Integrada da Maia . . .	12
Sessão na Escola Básica 2,3 da Vila de Capelas	12
Percurso Pedestre Fajã dos Vimes – Fajã de São João	13
Homenagem do Presidente do Gov. Reg. à Associação Ecológica Amigos dos Açores	15
XI Simpósio de Vulcanoespeleo- logia	16
Publicações e Materiais para Venda	18
Novos Sócios	19
Boletim de Inscrição	19
Humor Verde	20

www.virtualazores.com/amigosdosazores
e-mail: mop88258@mail.telepac.pt

Tel. 296 498 004
Fax 296 498 006

ÓRGÃOS SOCIAIS PARA 2003-2004

DIRECCAO

Presidente

Teófilo José Soares de Braga

Secretário

Francisco Manuel Sousa Botelho

Tesoureiro

Mário José Coelho Furtado

Vogais

Maria Manuela Borges Livro

Maria Judite Barros da Costa

Cardoso

Suplentes

Lúcia Maria Oliveira Ventura

Gilberto Manuel Gaspar Cardoso

CONSELHO FISCAL

Presidente

Paula Cristina Medeiros Santos

Secretário

Eduardo do Jesus Santos

Vogal

George Robert Eyre Hayes

Suplentes

António Onofre Costa Miranda

Soares

Vasco Amândio Botelho

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente

João Carlos Carreiro Nunes

Vice- Presidente

Luís Fernando Miranda Guimarães

Secretário

Luís Filipe Dias Silva

Suplentes

Maria do Carmo Melo Moreira

Rodrigo João Medeiros de Sousa

Sede Social

Está instalada no edifício da Junta de Freguesia do Pico da Pedra, Avenida da Paz, 14. Ali se encontram todas as publicações editadas e uma biblioteca especializada na temática ambiental. Os interessados poderão visitá-la todos os dias úteis das 8:30h às 12h e das 13h às 16h. Aconselha-se a marcação da visita. Contacto: Carla Oliveira, Tel. 296 498 004

Vidália

Boletim dos Amigos dos Açores
– Associação Ecológica

Distribuição gratuita
entre os sócios

Os artigos são da responsabilidade dos autores e não representam obrigatoriamente a posição oficial da Associação.

É permitida a reprodução e transcrição, desde que citada a fonte e o autor

Apoio
Direcção Regional do Ambiente

Execução Gráfica e Impressão
EGA
Empresa Gráfica Açoreana, Lda.

Os Amigos dos Açores têm, desde a sua existência, vindo a promover a realização de percursos pedestres, já que esta actividade representa um eficaz instrumento de educação ambiental e de promoção do património natural e cultural açoriano.

Neste número vinte e dois do boletim Vidália, voltamos a conferir destaque ao pedestrianismo. Desta feita, sugerimos um percurso a realizar na ilha de São Jorge (costa S), que liga a Fajã dos Vimes à Fajã de São João.

Ainda no que às actividades de ar livre se refere, optamos por incluir um artigo sobre a Reserva Florestal e de Recreio do Pinhal da Paz. Através de uma breve resenha histórica sobre este local, os nossos leitores terão a oportunidade de conhecer com mais pormenor um dos mais belos parques da ilha de São Miguel.

Nesta Vidália, não pudemos deixar de destacar o XI Simpósio Internacional de Vulcanoespeleologia, que, pela primeira vez, se realizou nos Açores, lugar onde os vulcões e cavidades vulcânicas constituem parte integrante do nosso imaginário colectivo.

Continuamos, neste número, a divulgar a nossa fauna, através de um artigo sobre o cagarro, a ave marinha mais abundante nos Açores, no qual alertamos para a necessidade da adopção de procedimentos com vista à sua protecção.

Merecem, igualmente, atenção as notícias que contemplam as acções de sensibiliza-

ção protagonizadas pelos Amigos dos Açores junto das Escolas B1/ JI de Santo António, Básica 2,3 da Vila de Capelas e Básica Integrada da Maia.

Na rubrica que dedicamos ao que de pior e melhor por aí se vê, incluímos, como nota positiva, uma pequena notícia sobre os trabalhos realizados na Caldeira Velha. Merecedora de nota negativa foi, sem dúvida, a notícia de um bovino apenas parcialmente enterrado na estrada que liga a Ribeira Grande à Lagoa do Fogo.

Ainda neste número, contemplamos um interessante artigo sobre alimentos transgêni-



cos, tema tanto mais pertinente quanto actual, na certeza de que os leitores ficarão melhor informados sobre esta questão.

Por fim, não podemos deixar de destacar a homenagem do Presidente do Governo Regional dos Açores aos Amigos dos Açores – Associação Ecológica, pelo esforço desenvolvido, ao longo de mais de vinte anos, na defesa do Ambiente nos Açores.

Rita Gomes

Vidália – o fascínio de uma flor

A primeira vez que ouvi este nome, andava eu na escola primária. Naquele dia, a aula decorria com um jogo muito conhecido que consiste em adivinhar nomes de flores, frutos, animais, etc., a partir de uma letra do alfabeto escolhida aleatoriamente. Depois de ter saído a letra V, lembro-me de alguém ter referido, para a categoria flor, a violeta. Para nos fornecer mais uma pista, a professora referiu que na escola havia uma aluna que tinha um nome começado por V e que o nome dela era, também, o nome de uma flor. Depois de dizermos todos os nomes femininos que conhecíamos a professora desvendou o mistério, referindo o nome da aluna e explicando, de seguida, que era também o nome de uma flor muito rara: a Vidália.

Passaram-se muitos anos, desde esse dia. De vez em quando, eu via a minha colega de escola, a Vidália, o que me fazia lembrar a “tal” flor. Mas só no Verão passado é que tive a oportunidade de ver, ao vivo, a planta que tanta curiosidade me havia despertado. A partir dali, começou o meu fascínio por uma flor de singular beleza e simplicidade que, normalmente, cresce nas falésias das zonas costeiras, isolada, ignorada e mal apreciada pelos homens, e que, para mim, trouxe um novo sentido à palavra insularidade.

A vegetação indígena dos Açores encontra-se limitada a pequenos redutos conhecidos por alguns, mas desconhecidos para a maior parte dos habitantes nativos destas ilhas. Dos vários endemismos que aqui se podem encontrar, e que constituem espécies extremamente raras, a Vidália é aquela que considero a mais bela, não só pela sua morfologia, mas, também, pelas memórias de infância e pelas histórias ligadas ao seu “descobrimento”, senão vejamos:

Estava-se no século XIX e Darwin publicava a sua teoria depois de uma viagem à volta do mundo, começada em 1831, a bordo do navio “Beagle”; a teoria evolucionista chocava a moral vitoriana e religiosa do período e o mundo debatia-se com uma questão revolucionária: seria o Homo sapiens o produto da selecção natural das espécies?

Enquanto isso, um outro navio, comandado por Alexander Thomas Emeric Vidal, oficial da

marinha real britânica, navegava em direcção aos Açores com o objectivo de proceder ao levantamento hidrográfico do arquipélago, a cargo do almirantado britânico. Decorria, então, o ano de 1841 e, tal como acontecera com o “Beagle”, o Capitão Vidal levava, a bordo do HMS Styx, um botânico muito conceituado e respeitado entre os seus pares, Hewett Cottrell Watson.

Embora o levantamento hidrográfico e de defesa das ilhas dos Açores fosse o objectivo principal da sua viagem, as expedições do Capitão Vidal permitiram que, simultaneamente, fossem realizados alguns estudos sobre a fauna e a história natural do arquipélago, levadas a cabo por Hewett Cottrell Watson. Estudos estes que, posteriormente, deram origem à publicação de várias listas de plantas existentes nos Açores e que foram incluídas na obra *Natural History of the Azores or Western Islands*, editada em 1870 por Frederick du Cane Godman.

Nesta expedição, entre as várias plantas que Watson compilou, ele encontra uma, de hastes rugosas que ramificam a partir de um ponto central. Cada haste apresenta, desde a base, um conjunto de folhas lisas e macias, de um verde brilhante, e termina num pináculo em pirâmide com belas flores em forma de campânulas brancas ou rosas. A robustez do seu tronco e raízes é imediatamente compensada pela fragilidade dos lindos “sininhos”; a agressividade do terreno onde sobrevive é compensada pela graciosidade das suas hastes ao vento.

Num gesto de cortesia para com o capitão Vidal, Watson propôs para esta nova espécie o



nome de Vidália, “Campanulla Vidalii Watson”, a actual Azorina vidalii, (Watson) Feer.

Durante a viagem a bordo do Styx, que começou em Setembro de 1841 e terminou em Janeiro de 1845, muitas foram as plantas classificadas por Watson, e, pelos vistos, a homenagem a Vidal produziu efeitos, já que a Azorina vidalii, espécie única do único género endémico de plantas dos Açores, é hoje a mais conhecida das endémicas açorianas.

Durante largos anos, virada de frente para o mar, qual habitante das ilhas, a Vidália sobreviveu aos fenómenos naturais, resistiu às intempéries e suportou os desastres ecológicos causados pela inépcia dos homens e, no entanto, vergando-se docilmente aos ventos marítimos, adaptando-se às alterações do seu habitat primitivo, a Vidália, tornou-se um símbolo da açorianidade e do ser-se insular dos Açores.

Gilda Pontes – Pico da Pedra, Agosto 2004

Alimentos Transgénicos – o que são?

Os alimentos transgénicos (ou OGM - organismos geneticamente modificados) são preparados com plantas manipuladas por engenharia genética. No laboratório é possível misturar os genes de espécies que nunca se poderiam cruzar na Natureza: bactérias com hortaliças, vírus com cereais, etc. A olho nu não é possível distinguir uns alimentos dos outros mas, quando uma semente transgénica é semeada, todo a sua descendência continuará a sê-lo, pelo que são necessárias análises especializadas para se poder seguir a sua presença.

7 Boas razões para recusar os alimentos transgénicos

Os transgénicos podem ser um perigo para a saúde

Até agora a União Europeia já aprovou o milho e soja transgénicas mas pretende aprovar dezenas de novos transgénicos nos próximos um a dois anos. No entanto, apesar de uma legislação muito complexa, não há qualquer garantia de que os transgénicos aprovados sejam seguros para a saúde porque, por um lado, não são exigidas análises aprofundadas nem se aplica qualquer precaução nas aprovações e, por outro, os únicos testes disponíveis são os realizados pelas próprias empresas que comercializam transgénicos.

Além disso também se sabe que:

- As doenças do foro alimentar nos Estados Unidos aumentaram 2 a 10 vezes a partir de 1994 - precisamente o ano em que começou a venda de alimentos transgénicos naquele país.

- Se as abelhas visitam culturas transgénicas, as bactérias do seu intestino também ficam transgénicas.

- Os transgénicos contêm genes de resistência a antibióticos.

- Não é possível afastar a hipótese de que os transgénicos causem cancro e deficiências imunitárias.

- No único estudo levado a cabo pelo governo americano, 7 dos 40 ratos alimentados com tomates transgénicos estavam mortos ao fim de quinze dias (e os que comeram tomates normais estavam bem). Os tomates transgénicos foram na mesma aprovados para fins alimentares.



- As plantas transgénicas tornam-se tão instáveis ao nível celular que os alimentos transgénicos que estão em circulação na União Europeia apresentam uma composição molecular que já é completamente diferente da inicial. No prática isso significa que são plantas diferentes daquelas que foram aprovadas, e deveriam ser imediatamente retiradas do mercado.

Os transgénicos podem ser um perigo para os agricultores e para a agricultura

A produção de plantas agrícolas transgénicas torna os agri-

Continua

cultores completamente dependentes do que lhes é fornecido.

Sabe-se além disso que as culturas transgênicas:

- produzem menos;
- alteram negativamente as características do solo;
- conduzem ao aparecimento de pragas resistentes a grandes quantidades de um ou vários pesticidas ao mesmo tempo (super-pragas);
- são mais caras para o agricultor ;
- induzem e permitem a utilização de maiores quantidades de pesticidas no agricultura;
- tornam inúteis pesticidas benignos;
- contaminam a agricultura convencional e biológica,
- quando empregues em rações, podem conduzir a profundas alterações fisiológicas nos animais que as consomem.

Os transgênicos podem ser um perigo para o terceiro mundo

Todas as sementes transgênicas são protegidas por um sistema de patentes que impede os agricultores de guardar as sementes de uns anos para os outros. Ora, havendo já centenas de milhões de pessoas a passar fome no terceiro mundo, forçar todos os agricultores a comprar sementes novas todos os anos é lançar populações inteiras na miséria da fome.

Os transgênicos podem ser um perigo para o ambiente

A indústria dos seguros recusa-se a fazer seguro de risco às empresas que produzem e comercializam transgênicos: o perigo é de tal forma desconhecido que não é possível calculá-lo nem quantificá-lo. Ou seja, se acontecer algum acidente, não há quem pague. Entretanto os desastres já começaram: no México, por exemplo, as variedades tradicionais e selvagens de milho estão contaminadas por milho transgênico americano, o que põe em perigo imediato a viabilidade do região mais rica do mundo em termos da diversidade biológica de milho.

Os transgênicos podem ser incontroláveis

Apesar de haver transgênicos no mercado há menos de 10 anos, já existe um longo historial de incidentes por todo o mundo que demonstra a incapacidade do sistema governa-

mental e alimentar de manter os transgênicos sob controlo. O milho Starlink, por exemplo, foi legalizado nos Estados Unidos apenas para uso em rações animais mas acabou por ser utilizado em mais de 300 alimentos humanos até que foi proibido. Também nos Estados Unidos foram vendidos e consumidos animais transgênicos sem que houvesse qualquer autorização. Na União Europeia, todos os anos se descobrem lotes de sementes que estão contaminadas por transgênicos ilegais - muitas são destruídas, outras acabam por entrar no circuito alimentar. Em Portugal, crescem os rumores de que, apesar da proibição, haverá milho transgênico a ser cultivado em diferentes pontos do país.

Os transgênicos podem ser um perigo para as gerações futuras

As empresas que produzem sementes transgênicas estão a comprar avidamente as grandes marcas internacionais de sementes convencionais e a reduzir drasticamente as variedades de plantas agrícolas disponíveis para os agricultores. Com o passar do tempo todos os agricultores serão obrigados a comprar sementes transgênicas simplesmente porque não têm escolha - e toda a multiplicidade de variedades que os nossos antepassados laboriosamente criaram terá desaparecido. Este empobrecimento da biodiversidade da nossa civilização deixará as gerações futuras num beco sem saída.

Os transgênicos impedem o desenvolvimento das verdadeiras alternativas

Os centros de investigação em melhoria de plantas por via convencional (sem engenharia genética) estão à míngua de fundos, a agricultura biológica, que já demonstrou como é possível produzir alimentos sem pesticidas e melhorando a fertilidade da terra e a saúde do ecossistema, continua a ser relegada para último plano pelos Ministérios da Agricultura, as variedades agrícolas tradicionais continuam a desaparecer por falta de atenção de quem decide...

Margarida Silva, investigadora

A Joanhina N.º 75 - VERÃO 2004
Calçada da Tapada, 39, R/C Dtº
1300-545 Lisboa
agrobio@agrobio.pt

O Cagarro

O cagarro (*Calonectris diomedea*) é a ave marinha mais abundante dos Açores, totalizando 97500 casais reprodutores. Juntam-se em colónias situadas nas falésias costeiras e ilhéus, que chegam a reunir centenas de aves. Os seus cantos nocturnos são muito peculiares, alguns parecidos com o choro humano. É uma das aves mais antigas que existe à superfície da Terra e pertence à família dos Procellariidae. A

coloração da sua plumagem é escura por cima e por baixo é clara, a cauda é preta e a cabeça é cinzenta-acastanhada, as asas e o dorso são castanhos por cima. O bico é amarelo e forte, com a extremidade mais escura, e as patas e pernas são curtas e rosadas. Alimentam-se de peixe, lulas e crustáceos. Podem atingir os 40 anos de idade.

Em Março, depois de passarem alguns meses nos mares do Sul, regressam aos Açores



maior concentração mundial de cagarros ocorre nos Açores, da subespécie *C.d. borealis*, mas devido a ser muito vulnerável a predadores terrestres e às actividades do homem, esta espécie está em regressão a nível mundial, sendo muito importante garantir a sua protecção.

Os cagarros são aves pelágicas, ou seja, são aves marinhas adaptadas para a vida no alto mar, a

para iniciarem um período reprodutor de oito meses, geralmente no mesmo local do ano anterior. Reproduzem-se em colónias situadas nas falésias costeiras e ilhéus, que chegam a reunir centenas de aves. Mas o cagarro é fiel, cada casal mantém-se, geralmente, para toda a vida.

Faz o ninho em cavidades nas

Continua 

rochas ou em buracos escavados no solo que podem ter alguns metros de profundidade.

Em meados de Maio, é depositado um único ovo branco, característica de todos os Procellariiformes. A tarefa de incubar o ovo é dividida pelos dois membros do casal e dura cerca de 50 dias. Em finais de Julho, dá-se a eclosão do ovo, nascendo uma cria cinzenta cheia de penugem que, devido ao alimento rico em óleo, fornecido pelos progenitores, cresce rapidamente e multiplica, num mês, 10 vezes o seu peso inicial. A cria entretanto nascida permanecerá em terra até meados de Outubro, momento em que os progenitores deixarão de aportar à ilha para a alimentar. Durante alguns dias os jovens vivem das suas reservas até que são obrigados a enfrentar o mar. Divagarão pela imensidão do Atlântico durante pelo menos 7 anos, avistando ao longe as costas de Pernambuco e da Nova-Inglaterra, regressando à ilha natal quando atingirem a maturidade sexual onde disputarão um local para nidificar de preferência próximo ao sítio onde nasceram. Se sobreviverem a temporais, lutas, armadilhas em terra e no mar, viverão mais de três décadas entre o mar e o céu apenas vindo a terra para se reproduzir.

Os Açores são mundialmente a zona mais importante para o cagarro, que está protegido por leis nacionais e internacionais (Convenção de Berna–Anexo II, Directiva Aves-Anexo I e Decreto-Lei n.º 140/99 de 24 de Abril). É proibido capturar, deter, ou abater ilegalmente estas aves e destruir ou danificar os seus habitats.

O cagarro, além de ter sofrido uma grande redução nos últimos séculos, actualmente tem como principais causas da sua vulnerabilidade a pressão e degradação exercida sobre o litoral, que levam à perda do seu habitat natural. A captura de adultos e juvenis para obtenção de isco, alimentação ou puro vandalismo, os atropelamentos devido a encadeamentos por luzes, e o facto destas aves chocarem apenas um ovo e se reproduzirem só um vez por ano fazem com

que o seu número seja cada vez mais reduzido.

Todos nós podemos e devemos proteger esta ave! Procedimentos para salvar um cagarro

Em Outubro ou Novembro os jovens cagarros iniciam a sua migração e orientam-se aparentemente pelas estrelas, mas ao iniciarem o seu primeiro voo, principalmente em noites nubladas, são atraídos e encadeados pelas luzes das povoações e automóveis sendo muitos mortos por colisão e atropelamento. Não é difícil evitar que isso aconteça. Se encontrarem um cagarro ferido ou desorientado façam o seguinte:

Arranjem uma caixa de papelão, ou por exemplo uma caixa de sapatos e não se esqueçam de lhe fazer alguns furos.

Depois:

1. Com uma camisola, casaco ou manta cubram o cagarro;
2. Apanhem o cagarro;
3. Coloquem o cagarro na caixa de papelão;
4. Levem o cagarro para casa e deixem-no dentro da caixa num local sem barulhos que o possam incomodar;
5. Não alimentem o cagarro para que ele não se habitue;
6. Na manhã seguinte, dirijam-se a um local perto do mar;
7. Soltem o cagarro, deixem-no pousado no chão e afastem-se do local;
8. Ao fim de pouco tempo, o cagarro começará a voar e encontrará o seu caminho.

Não capture adultos ou juvenis, não destrua os seus ninhos e comunique às autoridades as práticas ilegais. Deste modo, todos contribuiremos para a preservação desta maravilhosa ave. Dê a conhecer aos outros o que aprendeu sobre este simpático visitante das nossas ilhas, que já por cá andava antes da chegada do Homem.

Maria Teixeira

Caldeira Velha

Quando for caso para elogiar, temos de elogiar. E estamos realmente perante uma dessas situações: os trabalhos efectuados na Caldeira Velha, pela Secretaria Regional do Ambiente.

Em primeiro lugar, e, porque é a primeira grande melhoria com que nos deparamos ao chegar, o facto de, finalmente, se ter impedido a entrada de automóveis. Quantas e quantas vezes se havia defendido, durante os últimos anos, a tomada desta medida... Água mole em pedra dura... A provar que não devemos desistir. Nunca.

Depois, todos os arranjos interiores. Igualmente notáveis na sua integração com o meio. A utilização da madeira, da pedra, das plantas endémicas como ornamento das bermas. Até nos taludes, houve o cuidado de plantar exemplares da nossa flora. Nota muito, muito positiva!

A destoar, apenas o vandalismo que já resultou na destruição de parte da entrada de



pedra. Certamente pela calada da noite e com ferramenta adequada ou força descomunal. O prazer de colocar a nódoa negra no pano branco.

F. B.

Atentado à Saúde Pública

Bovino enterrado com parte do corpo à superfície

No passado mês de Agosto, fomos alertados para uma situação verdadeiramente lamentável. Na estrada que liga a Ribeira Grande à Lagoa do Fogo, mais exactamente na curva que surge imediatamente a seguir a uma antiga plantação e fábrica de chá, relativamente perto da Caldeira Velha, encontrava-se um bovino parcialmente enterrado.

No local, o cheiro nauseabundo era insuportável e perturbava, naturalmente, todos quantos lá passavam. Infelizmente, este não se trata de um caso isolado, visto que, um pouco por toda a parte, especialmente junto à orla costeira, já tivemos oportunidade de assistir, por mais do que uma vez, a este triste espectáculo.



Nunca é demais alertar para a necessidade de todos mantermos uma atitude de vigilância perante estes casos, denunciando-os, por forma a que as autoridades competentes possam actuar adequadamente.

Pinhal da Paz

Pinhal da Paz

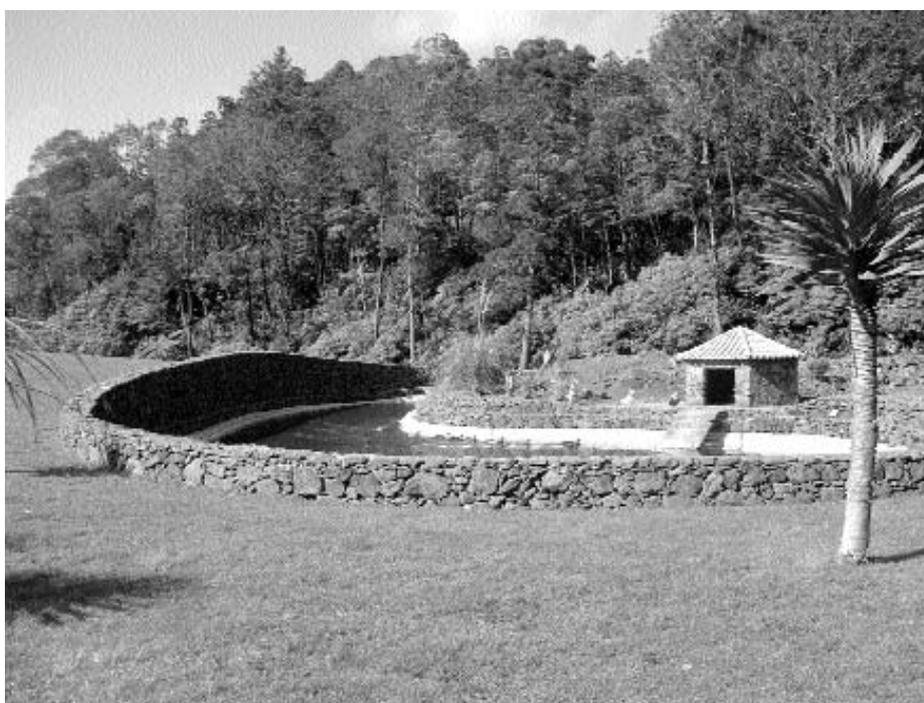
O Pinhal da Paz, situado na freguesia da Fajã de Cima, a 6 km da cidade de Ponta Delgada, possui uma área de 49 ha. Ladeado por vários picos, mais precisamente, a Este pelo Pico da Cruz, a Norte pelo Pico do Cascalho e a Sul pelo de Roma, o Pinhal da Paz integra o Complexo Vulcânico dos Picos.

O solo da área que deu origem ao Pinhal da Paz, também conhecido por Mata das Criações, era bastante pobre. A vegetação era constituída essencialmente por urzes (*Erica azorica*) e por queirós (*Calluna vulgaris*). Assim, só o empenho e perseverança do seu proprietário – António Taveira do Canto Brum – fizeram com que aquele local se transformasse num jardim edénico,

tendo sido necessário, entre outras coisas, a plantação de milhares de árvores e arbustos, essencialmente criptomérias (*Cryptomeria japonica*) e pinheiros (*Pinus sp.*), bem como, a construção de muitas alamedas floridas que constituíam uma das principais atracções do Pinhal, preenchidas com magníficas azáleas (*Rhododendrom indicum*), camélias (*Camellia japonica*) e hortênsias (*Hydrangea macrophylla*).

Toda a estrutura do Pinhal foi cuidadosamente arquitectada: a casa do feitor, à entrada, as zonas destinadas ao pomar e ao pastoreio, os principais caminhos de acesso, as alamedas floridas, e as áreas especialmente destinadas aos

momentos de descontração, acompanhados de um bom farnel. Também construiu uma moradia de veraneio, com um magnífico jardim, com toldos, alpendres e caramanchões. Próximo desta moradia, fez erguer uma pequena ermida em honra de Nossa Senhora da Paz, de onde poderá ter surgido o nome do agora Pinhal da Paz. No entanto, a paz, o sossego e a



tranquilidade que aquele local inspira, pode ter sido outra razão para a qual, António do Canto Brum, ter baptizado a sua obra de Pinhal da Paz. Após tanta dedicação, António do Canto Brum decidiu inaugurá-lo no ano de 1958.

A partir desta data, os micalenses e todos os que visitavam a ilha tinham a oportunidade de percorrer, de carro se assim o desejassem, os cerca de 15 km de caminhos do Pinhal por apenas 10\$00, dinheiro este que revertia a favor do Asilo de Mendicidade de Ponta Delgada, actual, Lar Luís Soares de Sousa.

A face negra da história do Pinhal da Paz inicia-se alguns anos após a morte de António

do Canto Brum (31 de Janeiro de 1963) e da Sr.^a Teotónia do Canto Brum, sua esposa, visto que os herdeiros daquela propriedade não se encontravam na ilha, pelo que a conservação do Pinhal deixara de constituir uma prioridade.

Nem o Decreto Lei de 1982, que conferiu ao Pinhal o estatuto de “Reserva de Recreio”, nem a sua aquisição pelo Governo Regional, em 1988, impediram que aquela magnífica propriedade atingisse um tal estado de abandono que originou a indignação de todos quantos haviam dedicado grande parte das suas vidas à conservação do Pinhal e, igualmente, de todos os que o conheceram nos seus tempos áureos.

A 5 de Junho de 1992, teve lugar a sua abertura ao público após obras de recuperação.

Em 1998, já sob a alçada dos Serviços Florestais de Ponta Delgada, continuaram os trabalhos de recuperação e de reabilitação da propriedade que modificaram a face do parque, preservando, por um lado, a sua estrutura tradicional e investindo, por outro, em importantes infra-estruturas de apoio a partir da recuperação das já existentes, de modo a não se desvirtuar a configuração original do Pinhal da Paz. Neste sentido, e referindo apenas alguns, o investimento recaiu na electrificação do local, na limpeza dos cerca de 15 km de caminhos do Pinhal, na construção de uma nova entrada, do parque de estacionamento, de um parque infantil e instalações sanitárias com infra-estruturas adaptadas a deficientes. Tiveram, ainda, lugar melhoramentos na ermida e na casa de veraneio dos antigos proprietários do Pinhal. O miradouro, do qual se obtém uma vista panorâmica da cidade de Ponta Delgada e seus arredores, foi, igualmente, alvo de uma reabilitação. Não foram esquecidas as zonas destinadas aos tradi-

cionais piqueniques, equipadas com grelhadores e mesas, bem como, a construção de um telheiro. É de referir a construção de um labirinto, utilizando-se o buxo (*Buxus sempervirens*) para a elaboração dos corredores do mesmo. Próximo deste local, foi erguido um palco especialmente destinado a actividades lúdicas e culturais, das quais se destaca o tradicional Festival das Azáleas.

Com o Decreto Regional nº15/2000/A de 21 de Junho, o Pinhal passou a Reserva Florestal de Recreio.

Apesar de recuperado, quem se recorda



do Pinhal da Paz no seus tempos áureos vive na expectativa de que aquele espaço possa vir ainda a atingir o antigo esplendor que o caracterizava, proporcionando aos seus visitantes um espectáculo digno de ser apreciado.

No passado dia 19 de Março, teve lugar no Pinhal da Paz a inauguração do Centro de Divulgação Florestal do Pinhal da Paz, que se situa na antiga casa do feitor. Para este efeito os Amigos dos Açores foram convidados a fazer uma breve apresentação em Power Point intitulada: “O Pinhal da Paz ao longo dos Tempos”.

Nuno Avelar

Comemoração do Dia da Terra – Sessão na Escola B1/JI de Santo António

No dia 22 de Abril, comemorou-se o Dia Mundial da Terra. Este ano foi dedicado novamente à temática da água, pois esta está no centro das atenções do mundo, dada a situação alarmante e mesmo dramática em alguns países. Muitos países, neste dia, desenvolveram diversas manifestações e actividades, como seminários, palestras e toda uma programação voltada para consciencializar a população sobre a importância da água para a sobrevivência da humanidade.

Os Amigos dos Açores – Associação Ecológica comemoraram também o Dia da Terra através, entre outras coisas, de uma ses-

são destinada aos alunos da Escola B1/JI de Santo António, Capelas. Nesta sessão, os Amigos dos Açores falaram sobre a fauna e flora dos Açores, chamaram a atenção para a necessidade de a água ser usada racionalmente e alertaram as crianças para alguns problemas ambientais da região. A Associação distribuiu ainda aos alunos alguns materiais, de entre os quais se destaca um desdobrável sobre a água intitulado “A Água – Um Bem a Preservar”.

É de salientar que os alunos se mostraram muito interessados, tendo uma intervenção muito activa que se manifestou sobretudo na quantidade de questões pertinentes que colocaram.

Acção de Sensibilização na Escola Básica Integrada da Maia

No passado dia 25 de Maio, decorreu, na Escola Básica Integrada da Maia, uma acção de sensibilização, cujo tema fulcral foi a Biodiversidade existente nas ilhas açorianas, levada a cabo pelos Amigos dos Açores.

Para além de tomarem contacto com as características mais marcantes da fauna e flora dos Açores, os cerca de 180 alunos que assistiram à sessão tiveram a oportunidade de apresentar as suas dúvidas e observações sobre o tema em questão.



Sessão na Escola Básica 2,3 da Vila de Capelas

Os Amigos dos Açores foram convidados para efectuarem uma sessão na Escola Básica Integrada das Capelas, no dia 1 de Junho, subordinada ao tema Áreas Protegidas dos Açores. O público alvo desta palestra foram duas turmas do oitavo ano de escolaridade e teve a duração aproximada de 35 minutos.

Nesta sessão, para além do tema principal, tratou-se também da fauna e flora existentes nessas áreas, tendo-se dado mais realce à

Vidália (*Azorina vidalii*), planta que existe em quantidade perto da escola, ao priôlo (*Pyrrhula murina*), ao morcego (*Nyctaleus azoreum*) e às duas aves de rapina existentes nos Açores: o milhafre (*Buteo buteo rothschildi*) e o mocho (*Asio otus*).

A sessão foi seguida com o devido interesse, tendo no fim havido algumas questões por parte dos alunos.

Percurso Pedestre

Percurso Pedestre Fajã dos Vimes – Fajã de São João

Características do Percurso

Início do percurso pedestre: na Fajã dos Vimes, costa S da ilha de São Jorge

Extensão: 10 km (aprox)

Duração média: 3h e 30 m

Grau de dificuldade: elevado (nível III, numa escala de 1 a 3)

Forma: Linear

Fim do Percurso: Fajã de São João

Observações: o percurso encontra-se interrompido entre a Fajã dos Bodes e o Loural, devido a uma derrocada.

Este percurso inicia-se na Fajã dos Vimes, na costa Sul de S. Jorge, lugar pertencente à freguesia da Ribeira Seca, concelho da Calheta. Trata-se de uma das mais importantes fajãs de depósito de vertente existentes na costa SW de São Jorge.

A Fajã dos Vimes é conhecida em toda a ilha pelas suas culturas de excelente qualidade, de entre as quais merecem destaque as culturas da batata, do café, da laranja, do alho, do inhame e do milho. A Fajã dos Vimes é, também, sobejamente conhecida pelas suas colchas, tecidas por artesãos locais. Estes trabalhos são realizados em teares de pedais e atraem muitos visitantes a esta fajã.

O nosso percurso prossegue por um caminho terreiro que liga a Fajã dos Vimes à Fajã dos Bodes. É, sem dúvida, curiosa a origem do nome desta fajã. Segundo Odília Tei-

xeira, em *Ao Encontro das Fajãs*, “[a Fajã dos Bodes] deve o seu nome à ribeira que aí corre e, em tempos idos, transbordou e arrastou nas suas águas um bode que depositou neste sítio. A partir de então, ficou a ser conhecida por Ribeira dos Bodes”.

Actualmente, na Fajã dos Bodes, subsistem cerca de vinte casas e poucos são os que escolheram habitar permanentemente este lugar. Os que aqui permanecem dedicam-se, essencialmente, à actividade agrícola. À semelhança do que acontece em outras fajãs, as culturas da vinha, do milho e da batata, por exemplo, são as que predominam.



O isolamento característico da maioria das fajãs de São Jorge levou a que, não raras vezes, os seus habitantes tivessem de criar estratégias que o pudessem combater. É exemplo disso a construção de cabos de aço, através dos quais se fazia o transporte de lenha e de mantimentos para os animais. Estes cabos, conhecidos localmente por “fio”,

Continua 

ainda hoje podem ser encontrados na Fajã dos Bodes.

Aqui podemos também observar vários exemplares de uma árvore que é confundida, por vezes, com a magnólia, mas que se trata, na realidade, da “Karaká” (*Corynocarpus laevigatus*). Originária da Nova Zelândia, esta árvore ornamental, muito conhecida em São Jorge, pode atingir os 15 m de altura. As folhas são largas e apresentam uma tonalidade verde escura. O fruto, que surge entre o meio e o final do Verão, é cor de laranja. Apesar de comestível, as suas sementes são altamente tóxicas, não devendo, portanto, ser consumidas.

Ao longo do íngreme percurso que liga a Fajã dos Bodes ao Loural, é nos dada a possibilidade de observar algumas espécies da flora primitiva dos Açores, de entre as quais destacamos o folhado (*Viburnum tinus*), o tamujo (*Myrsine africana*), o azevinho (*Ilex perado*), o pau branco (*Picconia azorica*), a faia (*Myrica faya*) e, finalmente, a *Scabiosa nitens*.

Depois da subida, encontramos-nos no Loural. Local sito à freguesia da Ribeira Seca, o Loural assenta num dos pontos mais altos da ilha, onde o nevoeiro denso marca presença durante quase todo o ano.

Local isolado, o Loural terá sido povoado em meados do século XVIII. Em 1855, foi construída a ermida em honra de Nossa Senhora do Livramento, por iniciativa do Pe João Silveira de Carvalho. A este respeito, Avellar (1902) refere o seguinte “Ficando o povo do Loural longe bastante da igreja parochial tornando-se-lhe difícil cumprir os preceitos religiosos, foi o curato creado em 1875 cuja ermida já então existia construída por iniciativa do vigário e ouvidor da Calheta padre

João Silveira de Carvalho. E’ da invocação de N. S. do Livramento, tendo o seu cura a congrua de 162\$972 reis”.

O posto final do nosso percurso localiza-se na Fajã de São João, seguramente uma das mais bonitas da ilha. Pertencente à freguesia de Santo Antão, concelho da Calheta, a Fajã de São João tem como cenário altas falésias. Aqui, a beleza paisagística impressiona até mesmo o mais desatento dos visitantes.

O micro-clima característico deste local permitiu que várias culturas aqui se desenvolvessem com sucesso. O café, por exemplo, ocupou um lugar de destaque.

A Ermida de São João constitui um dos pontos de maior interesse da Fajã. No seu frontispício, encontra-se inscrita a data de 1899, mas a data da sua construção não é certa (século XV ou XVI).



Muito próximo da ermida, temos a oportunidade de observar um dragoeiro, que se destaca pelo seu porte. Originária das Canárias e Madeira, esta árvore, cuja altura varia entre os 2 e 6 metros, muito dificilmente pode ser encontrada no estado silvestre, sendo cultivada em parques e jardins, nos países mediterrânicos.

Rita Gomes

Homenagem do Presidente do Governo Regional dos Açores à Associação Ecológica Amigos dos Açores

No dia 13 de Abril de 2004, o Presidente do Governo Regional dos Açores, Carlos Manuel Martins do Vale César, visitou a sede dos Amigos dos Açores – Associação Ecológica e a Ecoteca da Ribeira Grande.

Nesta visita, estavam presentes o Presidente do Governo Regional e alguns elementos do seu governo, entre os quais o Secretário Regional do Ambiente e o Director Regional do Ambiente, bem como o Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande e os Presidentes da Assembleia e da Junta de Freguesia do Pico da Pedra.

Tratou-se de uma visita de grande importância para os Amigos dos Açores, bem como para os seus associados, que também marcaram presença, uma vez que teve como principal objectivo homenagear os Amigos dos Açores – Associação Ecológica, bem como o esforço e trabalho que esta tem desenvolvido ao longo dos mais de vinte anos da sua existência na defesa e protecção do ambiente e da natureza nos Açores.

Assim, o Presidente do Governo e respectiva comitiva, começaram por visitar a exposição

de pinturas sobre os animais e os seus diversos habitats, que estava patente nas instalações da sede da Ecoteca e do Museu Local do Pico da Pedra, os quais foram pintados por alunos do 1º ciclo de algumas escolas do concelho, numa iniciativa da Ecoteca da Ribeira Grande, no âmbito da comemoração do Dia Mundial da Floresta e do Dia Mundial da Água.

Seguidamente, decorreu o momento alto da visita, tendo o Presidente do Governo Regional descerrado uma placa alusiva à referida homenagem.

O Presidente dos Amigos dos Açores – Associação Ecológica aproveitou então a oportunidade para proferir algumas palavras de agradecimento à homenagem feita à Associação e, por fim, o Presidente do Governo Regional dirigiu também algumas palavras aos presentes, salientando o contributo e esforço que os Amigos dos Açores têm desenvolvido, bem como a importância desta Associação no desenvolvimento da política de ambiente na nossa Região.

Eulália Brum



O XI Simpósio Internacional de Vulcanoespeleologia teve lugar no Pico, entre 12 e 17 de Maio, com a presença de reputados especialistas de todo o mundo. Os Amigos dos Açores também marcaram presença, através de vários associados que apresentaram comunicações. Pela importância do simpósio para o património espeleológico açoriano, abaixo transcrevem-se as conclusões do mesmo.

Conclusões

A.

Durante o XI Simpósio Internacional de Vulcanoespeleologia foram abordados múltiplos assuntos no âmbito do Estudo, Conservação e Gestão de Cavidades Vulcânicas, desta-

cando-se, pela sua relevância, os seguintes pontos:

1. Recomendar a diversas instâncias nacionais e internacionais a urgência de ser reconhecida a relevância do património geológico, e em particular as estruturas vulcanoespeleológicas, como critério fundamental na definição de normas de ordenamento e conservação. A Geodiversidade deverá, assim, ser incluída ao mais alto nível das preocupações ambientais Europeias e Internacionais.

2. Valorizar as estruturas vulcanoespeleológicas, como parte integrante do Patri-



mónio Natural, devendo ser consideradas vector estruturante do desenvolvimento económico sustentado das regiões vulcânicas.

3. Efectuar novos estudos nas cavidades vulcânicas, particularmente em áreas de investigação menos comuns em vulcanoespeleologia, como é o caso da mineralogia dos espeleotemas e da microbiologia cavernícola.

4. Elaborar estudos de acompanhamento e monitorização de parâmetros ambientais, atendendo à vulnerabilidade de muitas cavidades vulcânicas.

5. Constituir uma prioridade das entidades responsáveis pela gestão do Património Natural, a implementação de medidas que visem, por um lado, assegurar a visitação sustentável e, por outro, a conservação deste património.

6. Promover a criação de uma Base de Dados Mundial de cavidades vulcânicas.

B.

No decorrer do Simpósio, e relativamente aos Açores, são de salientar as seguintes conclusões:

1. Descoberta de uma nova espécie de insecto troglóbio (*Trechus* n.sp.) durante a Expedição ao Algar do Montoso, na Ilha de S. Jorge, no âmbito deste XI Simpósio de Vulcanoespeleologia. Esta nova espécie é a segunda deste grupo encontrada em S. Jorge, pelo que se trata de uma descoberta de particular importância.

2. Reconhecimento da importância à escala global do Património Geológico dos Açores, e em particular das estruturas vulcanoespeleológicas, reforçado pela inclusão do Algar do Carvão no topo das 10 mais importantes cavidades vulcânicas do Mundo, sob ponto de vista mineralógico.

C.

Por último e relativo ao património vulcanoespeleológico dos Açores, o simpósio faz as seguintes recomendações:

1. Necessidade de se fomentarem campanhas suplementares nas grutas dos Açores, nas áreas da Briologia, Biospeleologia e Vulcanoespeleologia.

2. Importância de implementar medidas de gestão e protecção das cavidades vulcânicas dos Açores, através da realização de um Plano Global Sectorial e de planos de gestão e ordenamento.

3. Recomenda-se ainda a implementação de medidas de gestão e protecção das cavidades abaixo indicadas, e consideradas prioritárias com base nas análises efectuadas pelo GESPEA, a partir de índices sustentados na informação compilada no IPEA (Inventário do Património Espeleológico dos Açores).

Cavidade	Ilha	IV-C
Gruta dos Montanheiros	Pico	0.63
Gruta de Água de Pau	São Miguel	0.62
Gruta das Agulhas	Terceira	0.58
Gruta do Chocolate	Terceira	0.56
Algar das Bocas do Fogo	S. Jorge	0.55
Gruta dos Balcões	Terceira	0.53
Furna de Henrique Maciel	Pico	0.53
Gruta do Soldão	Pico	0.51
Furnas das Cabras II (terra)	Pico	0.51
Gruta da Ribeira do Fundo	Pico	0.50

Madalena, ilha do Pico.
17 de Maio de 2004

Publicações e Materiais para Venda

LIVROS	Associados	Não Assoc.	Nº	Valor
Grutas, Algares e Vulcões	5,00€	7,50€		
Lagoas e Lagoeiros da Ilha de São Miguel	7,50€	12,50€		
Paisagens Vulcânicas dos Açores	5,00€	8,00€		
Borboletas Nocturnas dos Açores	Grátis	2,50€		
Moinhos da Ribeira Grande	Grátis	2,50€		
Parque Natural Reg. Plataforma Costeira das Lajes do Pico	Grátis	2,50€		
Cavidades Vulcânicas dos Açores	Grátis	2,50€		
Orientação	Grátis	1,00€		
BROCHURAS				
Percurso Pedestre da Ribeirinha	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre do Salto do Cabrito	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre da Serra Devassa	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre do Pico da Vela	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre das Três Lagoas	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre Praia – Lagoa do Fogo	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre Pinhal da Paz	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre do Sanguinho	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre das Sete Cidades	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre das Quatro Fábricas da Luz	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre da Ponta da Madrugada	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre da Fajã do Calhau	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre das Furnas	Grátis	1,50€		
Percurso Pedestre de Santa Bárbara	Grátis	1,50€		
OUTROS MATERIAIS				
Bonés "Amigos dos Açores"	2,00€	3,00€		
T-Shirt "Salvemos o Pombo Torcaz"	3,00€	4,00€		
T-Shirt "Golfinhos"	4,00€	5,00€		
T-Shirt "Amigos dos Açores"	5,00€	6,00€		
Casacos para Protecção da Chuva	10,00€	11,00€		
Sweat-Shirt "Amigos dos Açores"	12,50€	13,00€		

Formulário de Encomenda

Por favor envie as quantidades acima assinaladas para o endereço:

Nome

Rua e nº

Código Postal

Nota: todos os pedidos deverão ser acompanhados do respectivo pagamento em cheque ou vale postal. Para o estrangeiro ao valor total deverá acrescentado 2 €

AMIGOS DOS AÇORES- Avenida da Paz,14 9600-053 PICO DA PEDRA

Telefones - 296 498 004 / 296 498 774 Fax - 296 498 006 E-mail - mop88258@mail.telepac.pt

Novos Sócios

Os **AMIGOS DOS AÇORES** são uma associação regional de defesa do ambiente, independente do poder político-económico e partidária, que vem, desde 1985, trabalhando ininterruptamente a favor da conservação da maior riqueza dos Açores: o seu património natural.

No entanto, uma associação como esta, para desempenhar ainda melhor o seu papel, tem de continuar a aumentar a sua principal base de apoio: os seus associados.

Porque é fundamental contribuir para a garantia da existência de uma voz independente e firme na defesa do ambiente nos Açores, vimos convidá-lo(a) a aderir aos Amigos dos Açores, para tal basta preencher a ficha que junto enviamos e devolvê-la para:

AMIGOS DOS AÇORES
Avenida da Paz, 14
9600-053 PICO DA PEDRA

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

SÓCIO N.º _____ Quota anual (mínimo 10€) _____, _____ € Donativo anual _____, _____ €
(quota anual + donativo)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____ CÓDIGO POSTAL _____

TELEFONE _____ E-MAIL _____

PROFISSÃO _____ DATA DE NASCIMENTO ____/____/____

N.º DO B. IDENTIDADE _____ N.º DE CONTRIBUINTE _____

TIPO DE COLABORAÇÃO _____

PARTICIPAÇÃO NOS PASSEIOS PEDESTRES: SIM _____ NÃO _____

DATA ____/____/____ ASSINATURA _____

- A associação passará recibo dos donativos, os quais poderão ser deduzidos à colecta do ano para efeitos de IRS ou IRC.

AO BANCO _____

Agência de _____

_____, ____ de _____ de _____

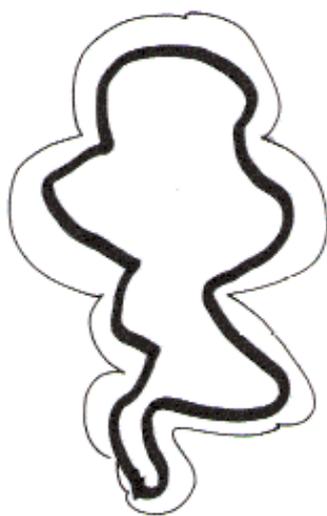
Exmos.Senhores,

Por débito na minha conta com o NIB _____ nesse Banco, solicito que transfiram para crédito da conta dos **AMIGOS DOS AÇORES** com o NIB 001200009399438830116 (Agência de Ponta Delgada do **BANCO COMERCIAL DOS AÇORES**), a importância de _____, _____ €, no primeiro dia útil de _____ de cada ano, até instruções minhas em contrário. Agradeço ainda que, ao efectuarem as transferências, indiquem sempre o nome completo e morada do ordenante. Esta ordem anula todas as eventuais anteriores.

De V.Exas.
Muito Atentamente

(nome completo)

(assinatura idêntica à existente no Banco)

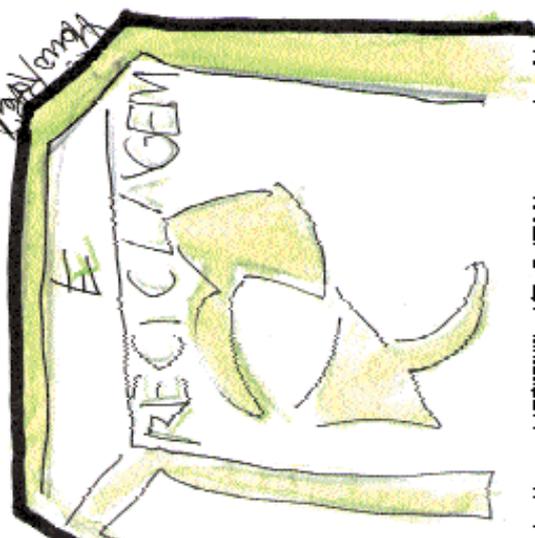


TEMOS DE PROTEGER O AMBIENTE TEMOS DE PROTEGER O LUCRO O LUCRO O



O AMBIENTE

RECICLAGEM



DO POLITICA

POLITICOS
PELO
AMBIENTE

AMBIENTE